



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS DA AERONÁUTICA  
CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS 3/2022

**CIBELE CRISTINA BITTENCOURT NAVEGA**, Cap Med

**Ultrassonografia transvaginal nas inspeções de saúde da FAB: um cuidado  
integral à saúde da mulher**

Rio de Janeiro  
2022

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS DA AERONÁUTICA  
CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS 3/2022

**CIBELE CRISTINA BITTENCOURT NAVEGA**, Cap Med

**Ultrassonografia transvaginal nas inspeções de saúde da FAB: um cuidado integral à saúde da mulher**

Trabalho de conclusão de curso apresentado no Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais da Aeronáutica como requisito parcial para aprovação no Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Liderança com Ênfase em Gestão no COMAER.

Linha de Pesquisa: Gestão da Saúde na Força Aérea.

Orientador: Alexandra Vidal Pedinotti Zuma, Maj Farm

Rio de Janeiro

2022

**CIBELE CRISTINA BITTENCOURT NAVEGA, Cap Med**

**Ultrassonografia transvaginal nas inspeções de saúde da FAB: um cuidado integral à saúde da mulher**

Trabalho de conclusão de curso apresentado no Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais da Aeronáutica.

Aprovado por:

---

**Marcelo Viegas** Neves, Ten Cel Esp Fot

EAOAR

---

**Alexandra** Vidal Pedinotti Zuma, Maj Farm

EAOAR

Rio de Janeiro

2022

## RESUMO

A mulher ocupa atualmente posição de destaque no mercado de trabalho. Acompanhando esse processo, a FAB é a Força Armada com maior número de mulheres militares. Visando a valorização da vida da mulher e contribuindo para a saúde integral da mesma, são necessárias mudanças na inspeção de saúde periódica. A ultrassonografia é um exame barato, inócuo e presente na maioria dos hospitais. Diagnostica as doenças ginecológicas que, quando não descobertas precocemente, aumentam o absenteísmo, impactando diretamente nas suas relações interpessoais e produtividade no trabalho. Neste sentido, este ensaio defende que a realização do exame de ultrassonografia transvaginal na inspeção de saúde periódica promove cuidado integral à saúde das mulheres militares. Argumenta-se, primeiramente, que a implantação da ultrassonografia transvaginal na inspeção de saúde periódica, permite o diagnóstico precoce de doenças ginecológicas, evitando desta forma, afastamentos prolongados e tratamentos demorados. Quando a doença é diagnosticada em fase avançada, há a diminuição da operacionalidade da militar e consequentes prejuízos à Força. Acrescenta-se ainda que diminui o risco de morte por câncer ginecológico nas militares, indo ao encontro com a política de cuidado integral à saúde do Sistema de Saúde da Aeronáutica (SISAU), contribuindo para a projeção da imagem positiva da Força Aérea no que tange à preocupação do bem-estar do seu efetivo. Dessa forma, a inclusão da ultrassonografia na inspeção de saúde torna a mesma um modelo de excelência para as demais organizações militares de saúde e mostra que há uma preocupação da FAB com a valorização da vida da mulher, indicando boas práticas em gestão de saúde.

**Palavras-chave:** Ultrassonografia transvaginal. Inspeção de saúde. Saúde da mulher. Doença ginecológica. Mortalidade.

## 1 INTRODUÇÃO

Nas mulheres acima de 40 anos, 57,08% das ultrassonografias transvaginais podem apresentar alterações em decorrência de patologias ginecológicas. Os achados mais frequentes são mioma uterino (35,09%), cisto ovariano (7,65%) e hiperplasia endometrial (7,39%) (ROSA, 2015).

As principais causas ginecológicas de afastamento das atividades laborais das mulheres em idade reprodutiva são as doenças oncológicas, hemorragias provenientes de miomas, dismenorréia (cólica menstrual) e dor pélvica.

A Força Aérea Brasileira (FAB) é atualmente a Força Armada com maior participação feminina em seus quadros, com um efetivo de treze mil mulheres militares (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2022). Esse aumento gradual do número de mulheres nas fileiras da FAB alerta para o cuidado em saúde desse grupo. As doenças ginecológicas podem trazer consequências para as atividades laborais, diminuindo a operacionalidade das militares, se o diagnóstico não for precoce. Dentre as consequências, têm-se os afastamentos prolongados para tratamento desses distúrbios ginecológicos que tem a ultrassonografia transvaginal como padrão ouro de diagnóstico.

Vale ressaltar que na última atualização do Instituto Nacional de Câncer (INCA, 2020) foram registradas 3921 mortes por câncer de ovário e 1944 mortes por câncer do corpo do útero. A ultrassonografia possui a capacidade de detectar essas doenças oncológicas, ainda que em fase precoce, antes mesmo das mulheres apresentarem sintomas. A inclusão do exame na Inspeção de Saúde (INSPSAU) corrobora a preocupação da FAB, nos últimos anos, com o cuidado à saúde da mulher militar fortalecendo a imagem positiva perante à tropa.

Diante deste contexto, este ensaio defende que a realização do exame de ultrassonografia transvaginal na inspeção de saúde periódica promove cuidado integral à saúde das mulheres militares.

Corroborando essa tese, a realização do exame de ultrassonografia transvaginal permite o diagnóstico precoce de doenças ginecológicas, evitando desta forma, afastamentos prolongados e tratamentos demorados quando a doença é diagnosticada em fase avançada o que acarreta a diminuição da operacionalidade da militar e consequentes prejuízos à Força.

Além disso, esse exame diminui o risco de morte por câncer ginecológico nas militares, indo ao encontro com a política de cuidado integral à saúde do sistema de saúde da Aeronáutica (SISAU) contribuindo para projeção da imagem positiva da Força no que tange à preocupação do bem-estar do seu efetivo.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

A Força Aérea Brasileira é a Força Armada com maior participação absoluta feminina em seus quadros, com cerca de 13 mil militares, segundo o site da FAB (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2022). Dessa forma, há uma necessidade de adaptação e mudanças nos setores organizacionais, visando a promoção e prevenção de doenças ginecológicas e atenção integral à saúde da mulher.

De acordo com as Instruções Reguladoras e Técnicas das Inspeções de Saúde do Comando da Aeronáutica (ICA 160-6/2016 e ICA 160-1/2014), o efetivo militar feminino é submetido regularmente às inspeções de saúde, onde são feitas avaliações clínicas, exames laboratoriais e de imagem nas mais diversas especialidades, incluindo a ginecologia (BRASIL, 2014) (BRASIL, 2016). No entanto, o exame de ultrassonografia transvaginal não está incluído nesta avaliação, sendo que algumas doenças ginecológicas podem deixar de ser diagnosticadas causando atrasos no tratamento, aumento de custos do SISAU, prejuízos administrativos à Força e mortes.

Diante destas considerações, observa-se a necessidade de ações que podem ser implementadas na Junta de Saúde com a finalidade de contribuir para a saúde integral da mulher.

### **2.1 O exame de ultrassonografia transvaginal permite o diagnóstico precoce de doenças ginecológicas**

A ultrassonografia transvaginal é um exame inócuo, de baixo custo e disponível na maioria dos hospitais. Pode revelar presença de doenças pélvicas até então não conhecidas pela militar, dentre elas, miomas, hidrossalpinge, cistos de ovários, pólipos endometriais, endometriose, ou indícios de câncer de ovário e endométrio.

Essas patologias, quando não diagnosticadas e tratadas precocemente, podem ter impacto importante na qualidade de vida da mulher, seja através do absenteísmo que é um afastamento prolongado das atividades laborais, quanto ao presenteísmo, que é a diminuição da capacidade de trabalho, com menor produtividade, gerando impactos sociais que desestabilizam as relações familiares, reduzem o contato social e interferem nos hábitos e rotinas mensais (SILVA *et al.*, 2019).

Hoje na FAB, esse exame pode ser facilmente inserido nas rotinas de inspeção de saúde, já que os hospitais contam com o aparelho de ultrassonografia e especialista responsável pela realização do exame. Seria um baixo investimento diante de um retorno de alto impacto na saúde do corpo feminino da FAB.

Deve-se atentar para evolução das doenças ginecológicas que muitas vezes são silenciosas, não manifestando sinais ou sintomas. Em se tratando de mulheres na idade reprodutiva e que desejam engravidar, o diagnóstico precoce de miomas e endometriose pela ultrassonografia, evita cirurgias mutiladoras como a histerectomia (retirada do útero) (GOMES, 2018). A realização desta cirurgia possui impactos psicológicos na mulher em relação à feminilidade e à sexualidade. Levando-se em consideração que a grande maioria do efetivo feminino na FAB está em idade reprodutiva, torna-se imperioso que seja inserida a ultrassonografia transvaginal na inspeção de saúde periódica a fim de evitar esses impactos (SILVA, 2009).

A ultrassonografia apresenta excelente sensibilidade e especificidade no diagnóstico de doenças ginecológicas (ROSA, 2015). Os pólipos endometriais possuem potencial maligno (1%) ou levar à infertilidade de algumas mulheres (FERNANDES, 2019). A endometriose é uma doença de importância para a saúde pública, já que pode piorar progressivamente, levando a afastamentos profissionais prolongados, interferindo diretamente na qualidade de vida e bem estar psicológico (ROSSI *et al.*, 2021). Dependendo das características das massas anexiais, as mesmas são consideradas lesões suspeitas para câncer de ovário.

Em face do exposto, a realização do exame de ultrassonografia transvaginal na inspeção de saúde do corpo feminino da FAB trará benefícios à instituição, possibilitará o diagnóstico precoce de diversas doenças ginecológicas, que poderão impactar diretamente na qualidade de vida das mulheres, possibilitando o diagnóstico de doenças precursoras do câncer, redução de custos com tratamento precoce e minimamente invasivo e melhor gestão do seu orçamento.

## 2.2 Valorização e preservação da vida

Ao contrário das doenças benignas, no qual o diagnóstico pela ultrassonografia não interfere na incidência de mortalidade, a precocidade do diagnóstico das neoplasias interfere diretamente no risco de uma mulher morrer.

Apesar do exame de ultrassonografia transvaginal não ser um método de rastreamento de câncer, segundo o INCA (2010):

O rastreamento do câncer é uma estratégia dirigida a um grupo populacional específico em que o balanço entre benefícios e riscos dessa prática é mais favorável, com maior impacto na redução da mortalidade. Os benefícios são o melhor prognóstico da doença, com tratamento mais efetivo e menor morbidade associada. Os riscos ou malefícios incluem os resultados falso-positivos, que geram ansiedade e excesso de exames; os resultados falso-negativos, que resultam em falsa tranquilidade para o paciente; o sobrediagnóstico e o sobre tratamento, relacionados à identificação de tumores de comportamento indolente (diagnosticados e tratados sem que representem uma ameaça à vida) e os possíveis riscos do teste elegível.

Cerca de 20% dos cânceres de ovário são diagnosticados em estágio inicial (INCA, 2022) na forma de ultrassonografia transvaginal. Ressalta-se aqui, que quando o câncer de ovário é diagnosticado precocemente, em torno de 94% das pacientes vivem mais de cinco anos após o diagnóstico. Em contrapartida, quanto mais avançada a fase em que o câncer de ovário é diagnosticado, maior a chance da mulher morrer em 5 anos (AMERICAN CANCER SOCIETY, 2022).

Segundo o Ministério da Saúde (2022), o câncer foi responsável pela maior proporção de óbitos nas mulheres na faixa etária dos 30 aos 59 anos. No grupo de 30 a 39 anos, a maior proporção de óbitos foi registrada na categoria de neoplasias dos órgãos genitais femininos (25,8%), e no grupo de 40 a 49 anos, a maior proporção foi de neoplasia de mama (26,9%), seguida da neoplasia dos órgãos genitais femininos (21,9%).

Dentre as neoplasias dos órgãos genitais femininos, há uma incidência estimada de 6.650 casos novos de câncer de ovário e 6.540 casos novos de neoplasias de corpo do útero. Em relação à mortalidade, o que nos chama a atenção são os números de óbitos anuais de câncer de ovário (3.921) para o ano de 2020 (INCA, 2022) que poderiam ser menores se houvesse uma política de prevenção e

promoção da saúde da mulher baseados na realização de ultrassonografia transvaginal periódica.

É importante enfatizar que o câncer de ovário no estágio inicial não apresenta sintomas, ou seja, passa despercebido. Quando a mulher começa a ter sintomas relacionados ao câncer de ovário, já há uma disseminação (metástase) para o restante do corpo, aumentando consideravelmente a taxa de mortalidade da mulher que é diagnosticada tardiamente. Em contrapartida, quanto mais avançada a fase em que o câncer de ovário é diagnosticado, maior a chance da mulher morrer em 5 anos. Na presença de metástases a taxa de sobrevivência em 5 anos diminui para 31%. Da mesma forma, o câncer de corpo uterino, e o câncer de endométrio quando diagnosticado em estágios iniciais são curáveis em cerca de 90% e quando diagnosticados na fase avançada com presença de metástases apresentam uma sobrevivência em 5 anos de 5 a 25% (AMERICAN CANCER SOCIETY, 2022).

Com base nesses dados, diante da alta mortalidade do câncer de ovário quando diagnosticado tardiamente, alta taxa de cura dos cânceres ginecológicos quando diagnosticados precocemente, observa-se a importância da realização da ultrassonografia na inspeção periódica como uma política que possa mitigar o risco de morte nas mulheres militares contribuindo para a valorização da vida da mulher e cuidado da saúde integral da mesma.

### **3 CONCLUSÃO**

A mulher ao longo desses anos vem ocupando espaço em todos os setores formais de emprego. Acompanhando essa evolução, a mesma tem ocupado posição de destaque com o seu ingresso na Força Aérea Brasileira. Neste sentido, visando a atenção integral à saúde da mulher, é preciso que haja uma mudança nos exames realizados nas inspeções de saúde periódicas de forma a atender as necessidades específicas do efetivo feminino.

Dessa forma, este ensaio defendeu a implantação da ultrassonografia transvaginal nas inspeções de saúde periódicas da FAB. A solicitação desse exame demonstra que a FAB valoriza o seu efetivo, o bem mais precioso numa organização. A nível de gestão, pode ser considerada uma ação que desenvolve o capital humano gerando satisfação na mulher que se vê valorizada e cuidada integralmente, impactando diretamente na motivação da sua profissão na FAB.

A USG transvaginal realiza o diagnóstico de doenças ginecológicas que podem interferir na saúde feminina, na sua qualidade de vida, gerando afastamento de suas atividades laborais e limitação para atividades da profissão militar, afetando as suas relações interpessoais e interferindo na sua produtividade.

Levando em consideração que o câncer ginecológico é a principal causa de morte nas mulheres na idade reprodutiva e a segunda causa de morte nas mulheres a partir dos 40 anos, e que o mesmo apresenta evolução rápida e silenciosa, são necessárias ações a nível de gestão para detecção de doença em estágios iniciais para diminuição do risco de morte.

Como consequências práticas deste ensaio, a realização de USG transvaginal nas inspeções de saúde periódicas vai ao encontro com os valores preconizados pela atual reestruturação da DIRSA, como a presteza (prontidão, qualidade e agilidade), a inovação (melhoria contínua dos serviços) e a confiança (credibilidade). A adoção desta medida propiciará um impacto positivo na atenção integral à saúde das mulheres militares da FAB, promovendo uma adequação das inspeções de saúde periódicas, indicando boas práticas de gestão, tornando as mesmas um modelo de excelência para as demais organizações militares de saúde.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN CANCER SOCIETY. **Survival Rates for Ovarian Cancer**. Atlanta: American Cancer Society, 2009. Disponível em: <https://www.cancer.org/cancer/ovarian-cancer/detection-diagnosis-staging/survival-rates.html>. Acesso em: 15 out. 2022.

BRASIL. Comando Geral de Pessoal. Portaria DIRSA Nº1.531/GC3, de 15 de setembro de 2014. **Aprova a 2ª modificação da ICA 160-1, “Instruções Reguladoras das Inspeções de Saúde - IRIS”**. Brasília, DF, 2014.

BRASIL. Comando Geral de Pessoal. Portaria DIRSA Nº 8/SECSDTEC, de 27 de janeiro de 2016. **Aprova a Reedição da Instrução que trata das Inspeções de Saúde na Aeronáutica: ICA 160-6 (2021)**. Brasília, DF, 2016.

FERNANDES, César Eduardo. **Tratado de Ginecologia Febrasgo**. 4 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2019.

GOMES, M. L. B., MARTINS FILHO, O. R. D., DE MEDEIROS, R. L. M. F., DE QUENTAL, O. B. **Estudo de prevalência dos achados ultrassonográficos em mulheres em idade fértil**. Revista Interdisciplinar em Saúde, Cajazeiras, 5 (6): 1637-1651, out./dez, 2018.

INCA. INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. **Estimativa 2020: incidência de câncer no Brasil / Instituto Nacional de Câncer. José Alencar Gomes da Silva**. Rio de Janeiro: INCA, 2022. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document//estimativa-2020-incidencia-de-cancer-no-brasil.pdf>. Acesso em: 15 out. 2022.

MINISTÉRIO DA DEFESA. **Presença feminina na Força Aérea Brasileira**. Disponível em: <https://www.fab.mil.br/noticias/mostra/39683>. Acesso em: 15 out. 2022.

ROSA, T. D. P., ZUNINO, M. K. R. T., MAROT, R. P., AMARAL FILHO, W. N. D., FALONE, V. E., & AMARAL, W. N. D. **Prevalência de doenças ginecológicas em mulheres acima de 40 anos diagnosticadas através de ultrassonografia transvaginal**. Schola Fértil, 18, 21-26, 2015.

ROSSI, H. R., UIMARI, O., ARFFMAN, R., VAARAMO, E., KUJANPÄÄ, L., ALA-MURSULA, L., & PILTONEN, T. T. **The association of endometriosis with work ability and work life participation in late forties and lifelong disability retirement up till age 52: A Northern Finland Birth Cohort 1966 study**. Acta obstetrica et gynecologica Scandinavica, 100(10), 1822–1829, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/aogs.14210>. Acesso em: 15 out. 2022.

SILVA, L. R., VILLAR, A. S. E. **Os sentimentos de mulheres submetidas à histerectomia e a interferência na saúde sexual**. Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online, 1(2), 235-244, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=505750816014>. Acesso em: 15 out. 2022.

SILVA, F. B. P., DE OLIVEIRA SOUZA, J., DE OLIVEIRA JANUÁRIO, P., & CRUZ, A. T. **Prevalência da dismenorrea e sua influência na vida de trabalhadoras brasileiras**. Revista Saúde e Desenvolvimento, 13(14), 64-82, 2019.